



## UMA (NÃO) RESENHA, ALÊ MOTTA E SEU “VELHOS”

Maysa da Silva Monteiro \*

uma entrevista com ela para a Revista Mafuá, intitulada “*O transbordar da escrita de Alê Motta: a literatura viva-potente-necessária*”. Nesse diálogo, perguntei à autora sobre as palavras de Itamar Vieira Junior — presentes na aba de “Velhos” — que diz:

Em *Velhos*, sua nova coletânea que tem como tema a senilidade, as personagens não estão mergulhadas em reminiscências de uma vida passada, como quase sempre vemos na literatura. Antes de tudo, elas fazem de seu declínio atual matéria para nos contar boas histórias em textos que carregam em sua brevidade a marca humana (Junior, 2023).

Fechando aspas para a fala do autor, questionei: “Como você percebe essa temática e qual a importância de discutir esse assunto na sociedade atual?” Alê sabiamente respondeu: “Certos assuntos, que são repetidamente ignorados, precisam ser discutidos. A finitude da vida, o menosprezo aos mais velhos. Essa mania de invisibilizar quem não é jovem, e de evitar falar da morte ou das limitações é algo terrível. São temas inevitáveis, e refletir sobre eles pode ser transformador.” A partir de então, tem-se a compreensão de como seus contos foram feitos, sobretudo, para transformar. Assim, partindo principalmente do retrato da vida como ela é, sem saudosismo por tempos passados, sem meias palavras. De forma contrária, o que aparece nas micronarrativas são temas como a morte, os relacionamentos, o lazer, o choque de gerações, a violência, a sexualidade e a debilitação física.

Dessa forma, analiso, como exemplo, o conto “Felicidade”, que diz:

O velho voltou muito feliz da feira, com a sacola cheia de mangas. Colocou pedaços enormes na boca e um deles entalou na garganta. Fazia tempo que estava com o nariz entupido e a falta de ar trouxe desespero. Começou a se debater, com a esperança da manga desentalar pescoço adentro. No mexe-e-remexe, esbarrou na cadeira que virou e prendeu a ponta no frontispício da pequena bancada da cozinha. Perdeu o equilíbrio e caiu no chão. Morreu do engasgo, não do tombo. Seu neto distribuiu as mangas restantes com os vizinhos. Ninguém se engasgou (Motta, 2020, p. 73).

Nesse conto, têm-se elementos que expressam bem a escrita e a temática da autora. A escrita é cortante e cortada. A temática é, por sua vez, também cortante e cortada. Ela começa o conto já com a expressão “velhos”,

O contato com a literatura de Alê Motta foi um presente. Em todos os sentidos. Me deparar com essa escrita cortante, crua, real foi — e é — uma experiência fantástica. Fico encantada que, na vida, trabalhamos principalmente com ela: a linguagem. Algo que nunca se esgota e que nunca cessa de dizer. O que já foi dito, repete. O que não foi dito, ressoa. Mas de que forma? Aí está o segredo e a beleza de escrever o dito, o não dito, os silêncios e os gritos. E assim, Alê gritou em seu livro. Um grito que ecoa, ressoa, reverbera, espanta, choca, comove e, enfim, transforma.

Em seus 30 contos presentes no livro “*Velhos*”, Motta escancara as dores e alegrias deles, os velhos. A começar pelo título, a própria autora explica. E mais: explicou na Universidade Federal de Santa Catarina. No dia 24 de agosto de 2024, Alê Motta esteve no palco do Espaço Físico Integrado (EFI), decorrente da parceria entre a Pós-Graduação em Literatura e o Colégio de Aplicação, sendo que o ensino médio esteve presente na conversa e, justamente, porque o livro da carioca Alê foi cobrado nos vestibulares de Santa Catarina UFSC e UDESC nos anos de 2023 e 2024.

Na ocasião, os curiosos e críticos estudantes questionaram — com muita sabedoria — a escritora que estava diante dos olhos deles. Desde o questionamento de quem seria o Espetáculo a quem ela dedica a obra, até se o livro ajudará a própria escritora a enfrentar sua velhice quando chegar. Tivemos uma manhã com arte, literatura e uma aula de bom humor. Eu, claro, garanti minha foto e o autógrafo no meu livro. Nas palavras de Alê: “*Espero que goste do meu Velhos. Com carinho, Alê*” Gostei tanto que fiz

---

\* Acadêmica em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bolsista PET-Letras, voluntária no Grupo de Estudos e Formação Docente Interdisciplinar (GEFORDIN) e professora no Projeto RedaPET - Mais que gêneros textuais. E-mail: maysa01monteiro@gmail.

posteriormente, observa-se a presença de hífen em palavras que, segundo a gramática tradicional, não teriam (mexe-e-remexe). Ademais, pensando no título “felicidade” e na história trágica, nota-se certa ironia. Felicidade? De quem? Do que? Felicidade do “velho” que voltou muito feliz da feira? Felicidade dos vizinhos que não se engasgaram com as mangas? Felicidade nossa que aproveitamos esse pouco tempo na Terra enquanto a imprevisibilidade da morte reina? Pois, para mim, esse conto é muito sobre isso: a imprevisibilidade da morte. Popularmente, ouvimos a seguinte frase “a única certeza da vida é a morte”. Mas quando? Ela pode chegar por um acidente, uma doença, uma fatalidade ou, então, por um pedaço de manga. Essa imprevisibilidade está muito presente no conto de Alê Motta e na vida. A ironia, colocada pela autora no final, também. E dessa forma, utilizando mangas, filhos, netos, dilemas (...) a autora retrata ela: a vida. E sobretudo, a vida deles, dos velhos.

#### REFERÊNCIAS

MONTEIRO, Maysa. O transbordar da escrita de Alê Motta: a literatura viva-potente-necessária. Mafuá, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 39, 2023. ISSN: 1806-2555. Disponível em: <https://mafua.ufsc.br/2023/o-transbordar-da-escrita-de-ale-motta-a-literatura-viva-potente-necessaria/>

MOTTA, Alê. Velhos. São Paulo: Reformatório, 2020.